

FESTA E DEVOÇÃO EM APARECIDA DO RIO CLARO: a religiosidade católica popular.

¹ Wanderson Cláudio da Silva

Resumo

O presente artigo faz abordagens sobre a festa religiosa do distrito de Aparecida do Rio Claro, no município de Montes Claros de Goiás. O desenvolvimento da pesquisa será através do exame da devoção do catolicismo popular dos habitantes da comunidade. E com este objetivo tentará demonstrar como o início da comunidade se fez devido à união de fatores que pode ser relacionado com a união que se efetivou seguidamente a construção da capela no distrito, dessa forma a religião estabelece o fator de vínculo social.

Palavras chave: Religião; Festa; Vínculo social.

¹ Graduado em Licenciatura em História na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Universitário de Jussara, pós graduando em História e Cultura Afro brasileira pela Universidade Cândido Mendes/Instituto Prominas. wandersonclaudio1@hotmail.com

Abistract

This work makes approaches to religious festival of Aparecida district Rio Claro, in Montes Claros de Goiás. The development of the research will be by examination of the devotion of popular Catholicism of community residents. And for this purpose we will try to demonstrate how the early community was made due to the union of factors that can be related to the union that subsequently effected the chapel building in the district, thus establishing the religion factor of social bond.

Keywords: Religion; Party; Social bond.

1. INTRODUÇÃO

Diversas pessoas são participantes de festas religiosas em suas localidades, nesta pesquisa em especial voltada para a festa católica. Nos diversos municípios brasileiros é encontrada esta referência pelas festas religiosas. No entanto muitos destes não sabem a origem da festa, qual o significado para os moradores, a festa se desenvolve com participação de toda a comunidade católica do local ou abrange outros participantes?

Neste viés será trabalhado no decorrer da pesquisa conceitos que serão fundamentais para o processo de compreensão da mesma, conceitos tais como: Religião; Festa; Tradição; Identidade; Cidade.

No “Desenvolvimento católico em Aparecida do Rio Claro e a festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida”, será trabalhado a formação do distrito de Aparecida do Rio Claro juntamente com a construção da capela em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Nesse modelo temos que nos perguntar como Katrib, (2013, p.228-229): “[...] quem nunca participou de uma novena em comemoração a algum santo padroeiro [...]”? Demonstrando dessa forma que a religiosidade no Brasil está sempre presente.

E em seguida será desenvolvida a pesquisa em torno da festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Trabalhando com a história local, ou seja, a história oral para que fornecer possibilidades de ampliação da pesquisa voltada para a construção da narrativa festiva local. Nesta última análise será colocada em foco a formação do distrito de Aparecida do Rio Claro².

Art. 1º- O Distrito de Aparecida do Rio Claro, neste Município de Montes Claros de Goiás, criado pela Lei Estadual nº 8.088, de 14 de maio de 1976, tem a sua área urbana e urbanizável, segundo as seguintes confrontações: Começam em um marco cravado à margem direita da rodovia BR-70 [...] metros, na confluência da Rua-1, com rumo de 16º 30º SE a uma distância de 900 metros, dividindo nesta extensão com terras do Srs. Célio José do Santos e Anoversino Dionísio de Freitas [...] (LEI MUNICIPAL nº 91, 1977).

Para tanto será desenvolvida nesta análise o uso da História Oral como metodologia de pesquisa. Sendo assim, tem que em primeiro lugar distinguir o que é

²Extraído do documento enviado Assembleia Legislativa do Estado de Goiás para aprovação de Lei nº 14.944, de 16 de setembro de 2004.

a História Oral, pois, ao não conhecer a fundo a pesquisa histórica oral irá apenas banalizar sua utilização em uma pesquisa.

1.1 História Oral.

A História Oral como, SILVA & SILVA (2009, p.186) “[...] uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a partir das quais o historiador constrói suas análises”, é um novo olhar para a história, onde, de acordo com Thompson, (1992, p.25) “[...] provavelmente o resultado crítico dessa nova abordagem será propiciar evidência vinda de uma nova direção”, levando a discussão para âmbitos mais próximos dos locais, mostrando a relevância de suas memórias para a construção da história local.

A questão fundamental é observar a reminiscência (Thompson, 1992) fazendo com que a memória não seja esquecida, ocorrendo o relacionamento entre (Silva & Silva, 2009) o passado e presente fazendo com que as tradições e a cultura fiquem ativas na consciência da população.

Sintetizando esses diferentes direcionamentos, percebemos que a História Oral aparece hoje como um campo de grandes [...]. Primeiro, do ponto de vista metodológico, ao trabalhar com diferentes tipos de fontes e ao levantar novas questões sobre a memória e a produção de fontes tradicionais. E, segundo, pelo seu conteúdo, tão voltado para o social e para os grupos marginalizados que, por não terem escrita, tendem a ser considerados sem história. [...]. Ela incentiva que pensemos a oralidade em toda a sua funcionalidade como ferramenta de transmissão de valores, sentimentos, visões de mundo. Enfim, como instrumento de transmissão de cultura (SILVA & SILVA, 2009, p.188).

Assim percebemos melhor os valores da tradição com as visões dos próprios sujeitos da sua história e da comunidade em que vive seguindo as ideias de Thompson (1992, p. 25) temos que “No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. A história oral oferece, quanto a sua natureza uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance”, pois, reunindo diversas fontes orais em uma mesma pesquisa a construção de algo maior do que sua própria memória, a memória da comunidade.

Um dos pontos colocados como mais recorrente na busca pela utilização da História Oral é a pesquisa voltada para as festas religiosas Thompson (1992), isso devido as questões empíricas das pesquisas, as fontes, documentos, em fim o material palpável. Pois devido a falta de documentação, pois há a necessidade, segundo Delgado (2006, p.15-16) do “[...] registro de depoimentos sobre essa história vivida” ao longo de mais de trinta anos e a continuação das práticas exercidas pelos primeiros habitantes.

A partir da memória a narrativa (Delgado, 2006) é produzida, proporcionando a construção do documento final, sendo esta a fonte histórica. Para tanto é necessário que haja uma completa transcrição das informações gravadas (áudio) com autorização do depoente, segundo Thompson (1992), para não haver interferências no transcrever das informações, possibilitando assim a comprovação através do áudio da entrevista.

Nessa proposta pretende ser produzida uma pesquisa em caráter remanescente, recorrendo a memória dos cidadãos para construir uma narrativa, procurando entender a formação da comunidade de Aparecida do Rio Claro.

1.2 Formação do distrito.

Para tanto foi necessário encontrar as raízes da fundação do distrito, a família fundadora. Antes de se tornar distrito a área correspondente ao atual distrito era uma fazenda que pertencia a Euclides de Souza. De acordo com seu filho o senhor José de Souza (abril, 2014) “Meu pai entrou no município em 58 né e tudo, mexendo né... ele era corretor de imóveis, adquiriu aquela terra lá, ai 71 e 72 foi feito o registro do...do...do loteamento e surgiu o loteamento de Aparecida do Rio Claro [...]” a partir de então começou a surgir o interesse de varias pessoas para povoar a área.

De acordo com os cidadãos do local houve um grande incentivo por parte de Euclides de Souza para que pudesse concretizar seu sonho, de acordo com dona Maria Madalena Coelho (Agosto, 2014) ele “[...] resolveu formar o distrito, e começou loteando os... o terreno e distribuindo com as pessoas, doando mesmo. Doando para as pessoas, [...]” para que pudesse haver de uma maneira rápida, a introdução da população nas localidades loteadas.

Assim pode ser percebido o quanto era importante para o senhor Souza realizar este projeto que lhe era muito importante, pois, (Souza, abril, 2014) “[...] ele era muito devoto a Nossa Senhora Aparecida, meu pai Euclides de Souza, e resolveu, por ser devoto a Nossa Senhora Aparecida, ele colocou o nome de Aparecida do Rio Claro”, e de acordo com Coelho (Agosto, 2014) “[...] o nome do distrito surgiu pelo Rio Claro [...]”, neste aspecto entra em conexão com Bourdieu (2007) e Moraes (2005) em que os fatores religiosos, as moralidades religiosas e suas diversas funções sociais acabam fortalecendo a união entre aqueles que convivem com estes fatores, tendo a união entre os nomes do rio e da santa.

Isso devido a necessidade, de acordo com Feuerbach (*Apud* Alves, 1999, p. 13), do caráter religioso sendo “[...] o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, revelação dos seus pensamentos íntimo, a confissão aberta dos seus segredos de amor” fortalecendo o vínculo entre o humano e o sobrenatural.

1.3 Construção da Igreja e a devoção na festa religiosa: entre o sagrado e o profano.

Em uma entrevista com o senhor Sebastião José Batista (Agosto, 2014) “O Euclides de Souza [...] ele deu o terreno pra igreja. [...], começou menorzinha né, foi. Começou com uma casinha que foi eu ‘mês’ fez. Uma casinha, hoje é um lote vago”, hoje é uma igreja construída em alvenaria.

Esta ideia de doação do terreno da igreja não condiz com o documento de escritura do terreno de 22 de outubro de 1985:

Imóvel urbano no Distrito de aparecida do Rio Claro, neste município, com área de 11.371, 00 m² (onze mil e trezentos e setenta e um metros quadrados), sem benfeitorias, localizada às Avenidas Castelo Branco e Francisco José de Souza [...]. [...] outorgada compradora por meio desta escritura, e na melhor forma de direito, para lhe vender, como de fato vendido tem o imóvel atrás descrito, caracterizado e confrontado, pelo preço certo e ajustado de Cr\$ 4.000.000(milhões de cruzeiros) [...] (MONTES CLAROS DE GOIÁS, 22.10. 1985).

A mentalidade coletiva pode não saber que a localidade da igreja e seus arredores, a praça, foram vendidos para a diocese de São Luiz de Montes Belos,

sendo assim um terreno da Igreja Católica, o que esta em foco aqui não é saber se foi ou não doado o terreno, mas sim a função da igreja como unificadora da primeira igreja do distrito.

No interior do Brasil, nas mais distantes comunidades sejam elas rurais ou urbanas, as histórias dos lugares ou de seus moradores são reescritas na tentativa de redesenhar o bordado da vida por meio dos fios da devoção, da memória e dos relembramentos que, ao serem costurados uns aos outros, propiciam o reavivar das mais diversas e peculiares formas de manifestações da religiosidade, atando e desatando os nós da vida dos moradores das comunidades rurais do interior [...] (KATRIB, 2013, p. 230).

A comunidade realiza a primeira socialização com o vínculo religioso através da festa. Segundo Batista (Agosto, 2014) “Naquele tempo, era muito atrasado não teve quase nada né. Foi só mesmo a novena, nem barraquinha num tinha. Nada, só a novena e o leilão”, firmando as:

[...] expressões e práticas culturais que mantem viva essas pertencas com o lugar, com as heranças familiares, atualizando a memória herdada e trazendo a tona, sempre regados por lágrimas e sorrisos os tempos idos, as lembranças dos entes queridos, da infância e da mocidade revividos por meio das celebrações festivas coletivas (KATRIB, 2013, p. 231).

O que pode ser percebido é a festa religiosa de Aparecida do Rio Claro sendo que a festa ocorre durante a novena, nove dias, terminando, Melo (Set. 2014) “[...] dia doze, dia de Nossa Senhora mesmo”, contribuindo para a continuidade das práticas, desenvolvendo a religião e a afetividade que ela produz nos seus participantes. A senhora Madalena Batista de Melo indagada com relação à festa demonstra que houve um período em que esta significava mais para ela.

Antes de algum compromisso matrimonial a relação com a festa era outra, a maneira de ver e conviver na festa se transforma a partir do momento em que a constituição da família e ao apego maior a religião, Melo (set, 2014) “[...] as festas os, o baile, vai e festa, tem dia que chega e procura eu por que eu num vô, mas não eu já aproveitei, o que eu tenho, o que eu tinha de aproveitar eu aproveitei, agora num vou mais não. Mas eu vejo falar que é muito bom a festa”, mesmo não participando da festividade as pessoas continuam a reunir informações sobre os acontecimentos ocorridos no local.

É percebido assim que a constituição da família modifica as características pessoais dos cidadãos, pois apenas a diversão da festa religiosa se encaminha mais para a parte religiosa, a festa perde o significado, porém a religião não, Katrib (2013, p.228-9) “[...], pois ela, sim, se adapta e se molda aquilo as necessidades e vontades que cada ator social elege como significativa no contexto de suas experiências religiosas” ficando na vida das pessoas e não apenas como algo efêmero em suas vidas.

A festa como uma produção passageira, modifica por alguns dias a rotina das pessoas envolvidas, porém a devoção na santidade, para aqueles da comunidade é maior, pois de acordo com Negrão (1984, p.17) “O santo é sempre um *protetor*, sobretudo da comunidade [...]” fazendo com que todos que ali estão presentes busquem a mesma “coisa”.

As mudanças no modo de vivência envolvendo a festa de igreja em Aparecida do Rio Claro requer também uma análise entre os santos e seus milagres e a população. A partir do momento em que uma família está com dificuldades, geralmente problemas de saúde, há o apego generalizado em santos protetores, santos que são considerados como pertencentes à família:

Por meio dessas práticas o crente estabelece uma aliança com o “seu” santo ou reforça a relação já existente. Uma vez estabelecida, a aliança não pode ser mais rompida. O santo desempenha o papel de “padrinho celeste” com todas as obrigações mútuas de padrinho-afilhado. O caráter de dever limitar-se exclusivamente ao “dever religioso”, não tendo relação com o compromisso ético. No modo de relacionamento com o santo, o homem religioso tem liberdade de escolha: há portanto ampla margem de criatividade que vai enriquecendo sempre mais as formas do catolicismo popular. [...] O santo, por sua vez, não é entidade abstrata, mas, por assim dizer, encarna-se na imagem que o representa, em cada imagem do mesmo santo há um santo diferente (LOPES, 2007, p. 140).

Aqui se insere a prática exercida no Brasil conhecida como catolicismo popular. Sendo denominado por Negrão (2008, p.120) haveria “[...] muita reza, pouca missa; muito santo, pouco padre”, nas comunidades onde o estabelecimento da Igreja Católica se desenvolveu com menos proporção:

O contraste entre catolicismo patriarcal e popular é flagrante: o primeiro é a religião da casa-grande, exprime a fé e as aspirações dos proprietários de terra. O segundo é a religião dos moradores em terra alheia, dos que

dependem dos proprietários. Em ambas as situações, a vida é vivida de maneira diferente: uns vivem dos outros, a custa dos outros. A religião não pode deixar de exprimir esta realidade. A redenção dos que vivem a custa dos pobres só pode provir de uma radical conversão pela contemplação das situações em que os irmãos pobres vivem (HOORNAERT, 1991, p. 104).

Questionada sobre o significado da festa a senhora Madalena Melo faz alguns apontamentos importantes, em que corresponde as de Perez (2011), mostrando o relacionamento entre a teoria e a prática:

Hã... o significado é assim, que o povo fala assim, é alegria é diversão das pessoas, pra criança, tem de brinquedo né, tem que balanço, diversão, tem a renda pra nois, que nois põe no leilão, que nois, eles arruma lá, eu não vou mais eu mando o meu leilão, a diversão é esse que nois tem alegria, de nois saber que tem ela aqui com nois, aqui com nois não, tem ela com Deus, Nossa Senhora né, mas a diversão é que nois sabe que tem ela, nois vai, eu vou nos domingo eu vou, mais a noite eu não vou não, eu tenho medo de mais, mas todo domingo eu vou, eu tenho muita alegria entrar na casa de Deus e ver ela lá, e o povo fala que, povo tem uns, falam que é bobeira e outros fala que é, não existe ela não, falei num existisse num existia Deus no mundo que se, se Deus é por, se Deus existe é por causa dela, que foi ela que deu ele pra nois, que... que é Deus né. Mas a diversão nossa é essa alegria, e os nossos... nossas crianças brincando nossas crianças divertindo. Muitas coisas boas pra nois (MELO, set, 2014).

Deste modo, de acordo com Katrib (2013, p. 228), “Ao experimentá-la cada um constrói suas possibilidades de reencontro com a fé e com a devoção fortalecendo os vínculos [...]”, demonstrando que a religião é uma:

[...] teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizontes dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. [...]. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares [...], romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. (ALVES, 1999, p. 24).

As adorações realizadas aos santos, e as orações se transformam na, Katrib (2013, p. 235) “[...] linguagem mais utilizada pelo devoto para se aproximar do divino. É pela reza que os devotos estabelecem com o sobrenatural uma locução própria [...]”, a partir disso pode ser questionada a validade da festa como uma parte do religioso.

A proximidade dos devotos com o religioso, o divino, sobrenatural, etc., é produzida pelas rezas no interior da igreja, o que acontece ao seu redor não é propriamente religioso. Assim relata a senhora Madalena:

[...] faz todo ano, todo ano tem ela, que é dia das crianças o dia 12 né, a festa a nossa, nossa festa da criança, nossa festa da... da Nossa Senhora é dia das crianças no dia 12, então é como eu to falando pra você, existe ela existe Deus, existe o nosso pai que é o pai lá do céu, que “ês” fala que num é, e é verdade é a diversão alegria pra nois, eu vou, eu, eu, quando dá pra mim ir eu vou dia de domingo, quando não tem eu não vou eu acho ruim, eu assisto na televisão, mas eu acho ruim, mas é bom a gente ir, a gente tem distrai, muitas coisas é bom, mas outros lugar, o trem que eu não gosto é chegar na igreja de noite, chegar não tem ninguém na igreja, entra lá no salão paroquial aquele tanto de gente, faz uma festa de verdade, deixa de rezar na igreja e faz uma festa na igreja pro cê vê comê que fica assim de gente. Eu acho, eu acho horroroso porque a igreja é a casa de Deus né (MELO, set, 2014).

As confrontações neste momento é a produção religiosa e as festas separadamente como esta sendo retratada. Ambas, na festa de Nossa Senhora Aparecida demonstra que além do caráter religioso, para a efetivação do diálogo entre as diferentes pessoas, foi necessário a contribuição das coisas profanas, ou seja, seguindo Eliade (1992), profano é tudo aquilo que se opõe ao sagrado, sendo assim os bailes, as bebidas vendidas na festa, os leilões, todos estes fatores contribuem para a profanação da festa de igreja.

Porém o fato que deve ser observado é a conformidade com a realização deste evento gera na comunidade:

[...] é nítida em toda a comemoração a efusão do sagrado por meio das diversas expressões de religiosidade dos fiéis, e assim a Festa reconstrói ano a ano seu diálogo com o divino. [...] Acoplado ao rezar temos as muitas formas de efusão do festar que acontece concomitante à realização das práticas religiosas (KATRIB, 2013, p. 238).

O festar se torna uma prática envolvente que proporciona aos diferentes grupos sociais práticas comuns, não julgando pela religião, mas sim buscando o divertimento, isso porque de acordo com o depoimento da senhora Madalena é devido por que:

[...] as pessoas estão esquecendo que existe a igreja, faz um baile, uma festa, um almoço, uma janta lá, a vai lá pro cê vê, cê fica assim crivadim de gente assim oh! Por quê? A casa de Deus é a casa de Deus, coisa de festa, casa de festa, né, então eu fico assim, eu fico, eu tenho... eu tenho vergonha, já falei muitas veis, eu tenho vergonha de chegar lá na igreja e não ter ninguém (MELO, set, 2014).

É nítida a influência que a festa adquire na população, porém está não sendo caracterizadas com a mesma proporção nas orações, missas, rezas etc., ocorrendo assim a procura pelas coisas passageiras, o divertimento. E isso está gerando também o conformismo nos mais fiéis. Dona Maria Coelho relata que “[...] para os fiéis o que é importante mesmo é o religioso. Agora pra ‘queles’ que não é muito fiel não é muito importante [...]” demonstra assim que há uma divergência entre os próprios fiéis e a festa, porém continuam a identificara festa como benéfica para a comunidade.

Seguindo a lógica apresentada pela senhora Madalena Melo (Set, 2014) de quê “[...] dez, nove pessoas [...]” vão há igreja em dias normais, nas festas ocorre um aumento considerável, no entanto a festividade apresenta recursos como, barracas de bebidas, roupas, brinquedos, tiro ao alvo etc.

Assim se torna a dita festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida um empreendimento comercial rentável para os barraqueiros, e para a igreja por vender determinados locais para a fixação das barracas. Em suma, a festa em Aparecida do Rio Claro se torna rentável tanto para a igreja como também para as pessoas que disponibilizam mercadorias nesta.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento ocorrido na historiografia, as primeiras propostas de pesquisas que se desabrocharam a partir do século XIX, culminando com novos horizontes metodológicos no século XX se situa na proposta aqui apresentada.

Trabalhar a História Oral, com uma metodologia orientada por pesquisas já consolidadas e algumas outras que estão surgindo por todo o mundo demonstra a proporção que este ramo da História é muito viável para viabilizar o resgate da

história daquelas pessoas que não estavam sendo retratadas ou lembradas por determinados feitos.

Com todos estes aspectos o estudo da festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida no distrito de Aparecida do Rio Claro se torna uma forma de contribuir para a historiografia local.

Por isso o presente trabalho “Festa e devoção em Aparecida do Rio Claro: um sentido para a religiosidade católica popular” está inserida neste contexto, onde pretende demonstrar por meio das análises conceituais e pesquisa oral a construção da identidade festiva religiosa local.

A conceituação que foi trabalhada ao longo da pesquisa favorece a compreensão ao longo de todo o trabalho, finalizando com a proposta de análise da festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida demonstrando que esta festa em específica mostra a identidade produzida pelos habitantes, entre o festar e o rezar.

Contribuição esta que gera para a comunidade um reviver da memória de muitos eventos ocorridos que foram relevantes para suas vidas, mostrando a importância dessa busca como uma forma de desenvolver a busca para não se esquecer as tradições locais.

Ao realizar esta pesquisa em torno da festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida em um primeiro momento está como um modelo unificar das primeiras pessoas a habitar a comunidade, em seu desenvolvimento contribuindo para haver maior unidade em todos aqueles que saíram de diversas partes para habitar a região.

Porém, com a pesquisa em desenvolvimento e nesta realizando entrevistas com alguns dos moradores, foi sendo percebido que o começo do distrito em 1976 realmente foi sendo composto por aquelas pessoas que buscavam na adoração a santa um conforto, que por um momento seria esquecida a luta do dia a dia.

No entanto passados 38 anos, em 2014, a festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida se tornou uma festa que pratica-se mais as formas não religiosas, ou seja, profanas do que propriamente uma louvação em todos os momentos á imagem, nesse sentido não a imagem em si mas a figura histórica e santificada de Maria.

Desse modo na festa que tem como religiosa uma pequena parte destinada a missa, demonstra que o religioso e o profano não se misturam, porém convivem lado a lado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BATISTA, Sebastião José. Entrevista 20-08-2014- 30.09.2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COELHO, Maria Madalena. Entrevista oral dia 04- 08- 2014 - Dia 30/08/2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** . São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550- 1800. O que entendemos aqui por catolicismo popular?** Petrópolis, Vozes, 1991.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas**. Revista de História das Religiões. Maringá, v. V, n.15, 2013.

LOPES, José Rogério. **Campo religioso, imagens devocionais e ética religiosa popular** In: FOLLMANN, José Rogério Lopes. **Diversidade Religiosa, imagens e identidade**. Porto Alegre, Armazém Digital Comunicação Ltda, 2007.

MELO, Madalena Batista de. Entrevista dia 18- 09-2014.

MONTES CLAROS DE GOIÁS, lei nº 91 de 14 de março de 1977.

MORAES, Cristina de Cássia P. **Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na Capitania de Goiás**. Universidade de Coimbra, Portugal, 2005.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Trajetórias do Sagrado**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, São Paulo. v. 20, n. 2, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

SOUZA, José. Entrevista dia 1-4-2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.